

O espanhol da região do Rio da Prata. Contato lingüístico com o português do Brasil

Marcelo Pastafiglia¹

¹Curso de Letras português – espanhol – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

mps@unescc.net

Resumo. *A história dos empréstimos lingüísticos mútuos entre o português e o espanhol é rica e antiga. O contato lingüístico e seus conseqüentes empréstimos, devido à proximidade geográfica de Portugal e Espanha, se mantiveram também nos extensos territórios coloniais de América. Podemos observar que tais empréstimos se realizaram, com particular riqueza, na região geográfica que abarca o sul do Brasil (atual Estado de Rio Grande do Sul) e a bacia do Rio da Prata (Argentina e Uruguai). O processo de realização de empréstimos lingüísticos mútuos, iniciado na época colonial, continuou a se desenvolver após o período de independência e estabelecimento dos Estados Nacionais de Brasil, Argentina e Uruguai, e a incrementar-se até os dias de hoje devido ao aumento dos contatos culturais, comerciais, turísticos, etc. entre estes países do MERCOSUL. A variante do espanhol do Rio da Prata caracteriza-se pela incorporação de um fenômeno lingüístico conhecido como lunfardo. O lunfardo tem suas origens em Buenos Aires, no final do século XIX, surgido como jargão carcerário, converteu-se, nas primeiras décadas do século XX, em patrimônio lexical do espanhol do Rio da Prata e incorporou-se aos diferentes níveis da língua de Argentina e Uruguai. Pelo contato lingüístico, vários termos lunfardos são de origem brasileira entanto que outros passaram ao português do Brasil. Composto, primitiva e primordialmente, de palavras relacionadas ao exercício do delito, na última década do século XIX e nos primeiros anos do século XX, o lunfardo excedeu o âmbito do submundo delitivo. Foi adotado pelos nativos de Buenos Aires e Montevideú, quando estas duas cidades receberam o processo migratório europeu. As camadas baixas da população, no contato lingüístico com os imigrantes dos “conventillos”(cortiços), transformaram o lunfardo original em fala popular expandindo seu uso como veículo verbal de comunicação cotidiana, familiar, e literária. O lunfardo, como fenômeno lingüístico, continuou evoluindo e consolidando-se nas décadas sucessivas até a atualidade.*

Resumen. *La historia de los préstamos lingüísticos mutuos entre el portugués y el español es rica y antigua. El contacto lingüístico y sus consecuentes préstamos, debido a la proximidad geográfica entre Portugal y España, se mantuvieron también en los extensos territorios coloniales de América. Podemos observar que tales préstamos se realizaron, con particular riqueza, en la región geográfica que abarca el sur de Brasil (actual Estado de Rio Grande do Sul) y la cuenca del Río de la Plata (Argentina y Uruguay). El proceso de realización de préstamos lingüísticos mutuos, iniciado en la época colonial, continuó desarrollándose después del período de independencia y*

establecimiento de los Estados Nacionales de Brasil, Argentina y Uruguay, y a incrementarse hasta nuestros días, debido al aumento de los contactos culturales, comerciales, turísticos, etc. entre estos países del MERCOSUR. La variante del español del Río de la Plata se caracteriza por la incorporación un fenómeno lingüístico conocido como lunfardo. El lunfardo tiene sus orígenes en Buenos Aires, hacia finales del siglo XIX, surgido como jerga carcelaria, se convirtió, en las primeras décadas del siglo XX, en patrimonio lexical del español del Río de la Plata y se incorporó a los diferentes niveles de la lengua de Argentina y Uruguay. Por el contacto lingüístico, varios términos lunfardos son de origen brasileiro mientras que otros pasaron al portugués de Brasil. Compuesto, primitiva y primordialmente, de palabras relacionadas al ejercicio del delito, en la última década del siglo XIX y en los primeros años del siglo XX, el lunfardo excedió el ámbito del submundo delictivo. Fue adoptado por los nativos de Buenos Aires y Montevideo, cuando estas dos ciudades recibieron el proceso migratorio europeo. Las capas bajas de la población, en el contacto lingüístico de los conventillos, transformaron el lunfardo original en habla popular expandiendo su uso como vehículo verbal de comunicación cotidiana, familiar y literaria. El lunfardo, como fenómeno lingüístico, continuó desarrollándose y consolidándose en las décadas sucesivas hasta la actualidad.

Palavras-chave: contato lingüístico; empréstimos lingüísticos; espanhol

1. Introdução

Na relação existente entre duas línguas, seja por vizinhança ou coexistência espacial, seja por contatos esporádicos ou sistemáticos, a interferência, em menor ou maior grau, está sempre presente, e com ela a realização de empréstimos lingüísticos. A tendência das línguas à adoção de empréstimos pode ser explicada pela “força de intercurso”, como a denominou Ferdinand de Saussure.

Segundo Saussure (2002: 238-239), há nas línguas duas forças opostas: o “espírito de campanário” e a “força de intercurso”. O primeiro faz com que uma comunidade lingüística seja fiel às tradições e evite inovações, a segunda obriga os homens a interagirem, favorecendo a adoção das inovações e propagando-as. No caso dos empréstimos é a força de intercurso que potencializa sua adoção e disseminação de empréstimos lingüísticos.

Conforme Bloomfield (1961), na sua obra *Language*, os empréstimos podem ser classificados em: empréstimos externos ou culturais, empréstimos íntimos e empréstimos dialetais. Os empréstimos externos são o resultado dos diversos tipos de contato entre os povos, quer dizer, políticos, culturais, comerciais, incluindo os contatos sociais, como no caso das migrações; os empréstimos íntimos são provenientes da convivência de duas ou mais línguas no mesmo território; e os empréstimos dialetais são resultado da relação variantes regionais, sociais e jargões especializados.

A história dos empréstimos lingüísticos mútuos entre o português e o espanhol é rica e antiga. As duas línguas, de origem latina, tiveram um primitivo contato naquele “galego-português” muito difundido na corte espanhola de Alfonso X “*el Sabio*” e continuou, ainda, quando os “*Reyes Católicos*” unificaram Espanha e o castelhano transformou-se na língua oficial do Reino e, posteriormente, do Império Espanhol.

O contato lingüístico e seus conseqüentes empréstimos, devido à proximidade geográfica de Portugal e Espanha, se mantiveram também nos extensos territórios coloniais de América. Podemos observar que tais empréstimos se realizaram, com particular riqueza, na região geográfica que abarca o sul do Brasil (atual Estado de Rio Grande do Sul) e a bacia do Rio da Prata (Argentina e Uruguai).

O processo de realização de empréstimos lingüísticos mútuos, iniciado na época colonial, quando as fronteiras entre os dois impérios eram ainda pouco definidas e cambiantes, continuou após o período de independência e estabelecimento dos Estados Nacionais de Brasil, Argentina e Uruguai, e a incrementar-se até os dias de hoje, devido ao aumento dos contatos culturais, comerciais, turísticos, etc.

Assim podemos distinguir dois grandes períodos: o primeiro, abarca desde o início da época colonial até a primeira metade do século XIX, quando a região dos pampas, compartilha traços culturais particulares; o segundo, a partir do estabelecimento dos Estados Nacionais, quando o português do Brasil e o espanhol da Argentina e Uruguai se consolidam como variantes lingüísticas, diferenciando-se, cada vez mais, do português e do espanhol próprios da Península Ibérica.

Do primeiro período se destaca um elevado número de empréstimos mútuos de vocábulos e expressões típicos da “região dos pampas”, da atividade econômica relacionada à criação de gado e ao homem que a desempenhava, isto é, o “gaúcho”, “*gauderio*” ou “*gaucho*”. Como exemplo destes empréstimos, podemos escolher alguns dentre os mais difundidos: parceiro - *aparcerero*, cimarrão - *cimarrón*, tchê - *che*, cancha - *cancha*, pilcha - *pilcha*, charque - *charque*, estância - *estancia*, pago - *pago*; bagual - *bagual*, apero - *apero*, china - *china*, agregado - *agregado*, guri - *guri*, etc.; assim como é comum escutar no Rio Grande expressões espanholas como “*buenas*” por “boa tarde” ou “bom dia” ou “*gracias*” por “obrigado”.

Desse período, os estudos lexicográficos são bastante completos e pouco poderíamos acrescentar ao respeito. Por tanto, é nossa intenção, nesta apresentação, tratar dos empréstimos lingüísticos do segundo período, cuja pesquisa, análise e discussão merecem maior atenção.

2. O espanhol do Rio da Prata: O *lunfardo* como fenômeno lingüístico

Do segundo período destaca-se, na região do Rio da Prata, o surgimento do *lunfardo* - variante do espanhol inicialmente falado em Buenos Aires-, que começou como o jargão técnico dos *lunfas* ou ladrões, e, posteriormente, se incorporou à linguagem popular, coloquial e familiar dos argentinos e dos uruguaios. Segundo Espíndola (2003:295), quando se diz que um indivíduo fala ou escreve em *lunfardo*, não significa que exista uma sintaxe *lunfarda* própria, alheia à espanhola; significa que o indivíduo se expressa segundo os moldes e mecanismos do espanhol, mas fazendo uso, predominantemente, de vocábulos e expressões de extração *lunfarda*.

A primeira vez que se tem notícia da presença de termos *lunfardos* na imprensa escrita argentina data de um artigo de 6 de julho de 1878, no jornal *La Prensa*, sob o título de “*El dialecto de los ladrones*”, de autor anônimo, que comenta a existência de um “dialeto carcerário”. Nesse artigo, apresenta-se o termo *lunfardo* com a acepção de ladrão. Outro texto aparece em 17 de março de 1879, no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em que Benigno B. Lugones resgata alguns termos utilizados pelos presos da “*Penitenciaría Nacional*”, na estrofe seguinte, registrada por Gobello e Cañas (1961:i):

“Estando en el *bolín polizando*, se presentó el *mayorengo*: A portarlo en *cana vengo*, su *mina* lo ha delatado.”

(Trad: Estando no meu **quarto dormindo**, apresentou-se o **policia**: Venho levá-lo à **prisão**, sua **mulher** o delatou.).

Segundo Gobello (1998; 159), o *lunfardo* era um jargão criado pelos ladrões para entendimento entre si, e para dificultar a compreensão entre eles e a polícia ou entre eles e suas possíveis vítimas.

Composto, primitiva e primordialmente, de palavras relacionadas ao exercício do delito, na última década do século XIX e nos primeiros anos do século XX, o *lunfardo* excedeu o âmbito do submundo delitivo. Foi adotado pelos nativos portenhos e montevidianos, quando estas cidades começaram a expandir-se para a periferia, e parte da população deixou de ser rural para ser urbana. As camadas baixas da população, no contato lingüístico com os imigrantes dos *conventillos*, transformaram o *lunfardo* original, restrito às camadas socialmente desfavorecidas, em fala popular argentina e uruguaia.

O jargão dos delinqüentes, de repertório reduzido e específico, se abre à incorporação de novas vozes, enriquecendo-se com a adoção de locuções trazidas pela imigração, e expandindo seu uso como veículo verbal de comunicação cotidiana, familiar, e literária. (ESPÍNDOLA, 2003: 293).

Dessa maneira, o *lunfardo* perde seus traços principais de código e de linguagem técnica do delito. Como as etapas de evolução histórica do *lunfardo* são temas deste trabalho propomos diferenciar três momentos históricos:

1) Primeira fase -1870-1900-: Definido como código hermético falado por presos e ladrões em geral, e composto de léxico limitado relacionado ao delito, a primeira etapa do *lunfardo* se estende de 1870 até os últimos anos do século XIX.

2) Segunda fase -1900-1945-: O *lunfardo* passa à linguagem popular portenha e montevideana, à vida cotidiana e familiar de Buenos Aires, de Montevideu e de toda a região riopratense, produto da influência lingüística dos imigrantes, com o aporte de vozes e expressões de diversas origens: do italiano e seus dialetos, do galego, do catalão, da “germanía” (antigo jargão dos delinqüentes espanhóis) e do “calo” (língua dos ciganos espanhóis), do polonês, do turco, do inglês, do francês e do “argot” (jargão delitivo francês), do português, etc.. Esta segunda etapa do *lunfardo* se produz a partir dos primeiros anos de 1900.

Nas primeiras décadas de século XX, diversos fatores colaboraram para a difusão do *lunfardo*: a poesia popular, através da pena de poetas como Carlos Raúl Muñoz y Pérez; o teatro, através do *sainete*; as crônicas jornalísticas e a literatura, através das obras literárias de autores como Roberto Arlt. Além desses meios de difusão, destacamos o tango como outro fator de propagação, pois, através de suas letras, registra o léxico e se utiliza do *lunfardo* para sua expressão. (ORDAZ; 1997: Cap. I - II).

3) Terceira fase - até a atualidade: esta terceira fase coincide com o fim do fenômeno imigratório europeu na Argentina e no Uruguai depois da Segunda Guerra Mundial.

O fim da imigração massiva e a extinção do *conventillo* como micro-espço de contanto lingüístico, os quais tinham sido elementos decisivos para a criação do *lunfardo*, não produziram, como poderia se esperar, o declínio do *lunfardo*. Embora privado de tais fontes, o *lunfardo*, como fenômeno lingüístico, continuou evoluindo e consolidando-se nas décadas sucessivas. Novos termos se incorporaram ao vocabulário como: *petitero*, nos anos cinqüenta; *cheto*, nos anos de 1970; o mesmo que *trolo*, *groncho*, *trucho*, *bicletear*, *forro*, *guiatarrear*, nas últimas duas décadas do século XX, até os mais recentes termos, surgidos nos primeiros anos do século XXI, relacionados à crise econômica e política de Argentina, como *corralito* e *cacerolazo*, como destacam Gobello e Oliveri (2005: 161 e ss).

Espíndola (2003: 295) chama a atenção para o problema de relacionar exclusivamente o *lunfardo* à sua origem carcerária, já que isso pode causar dificuldades na hora de compreender o significado que possui na comunidade lingüística riopratense atual. A gênese do *lunfardo*, com a omissão a suas fases posteriores, tem sido uma das maneiras de estudar este fenômeno lingüístico.

Em fins do século XIX, o *lunfardo* era ainda considerado como marca lingüística de pessoas de condição cultural baixa, porém, não exclusiva de malandros ou ladrões. Gobello (1984: 3) observa que, em fevereiro de 1887, apareceu no jornal *La Nación* um artigo intitulado "*Callejeando*". Seu autor, comentando sobre o *lunfardo*, transcrevia um diálogo entre dois "*compadritos*" que, contrariamente ao que se pensa, não eram ladrões, e manifestavam detestar o roubo:

" - Nunca me he querido ensuciar para *darme corte*: me llamarán *güífar*; pero *lunfardo* nunca.

- Bien hecho, *compadre*. Eso de *refalar la mano* tampoco nunca me ha *gustao*: siempre se lo he dicho a la *mina*: prefiero comer tierra antes que me llamen *raspa*..."(In GOBELLO; 1984: 4)

Concomitantemente ao processo de decodificação do *lunfardo*, o processo de difusão foi expandindo-se, aos poucos, na sociedade portenha.

O elemento definitivo para a difusão do *lunfardo* foi o tango, especificamente o denominado "tango-canção". Em 1917, Carlos Gardel estreou, em um teatro portenho, seu primeiro tango-canção: "*Mi noche triste*", cuja letra, desde sua primeira estrofe: "*Percanta que me amuraste en lo mejor de mi vida...*", era, decididamente, *lunfarda*.

O sucesso de "*Mi noche triste*" foi imediato e, a partir dele, os letristas de tango recorreram, freqüentemente, ao *lunfardo* como expressão lingüística de suas obras.

A difusão do tango colaborou, significativamente, no conhecimento do *lunfardo* e na consolidação do seu uso em ambas as margens do Rio da Prata, divulgando este fenômeno, também, para outras regiões da América Hispânica em cujo mercado discográfico, radial e, posteriormente, cinematográfico teve repercussão este gênero musical.

Como o tango, através dos meios de comunicação, favoreceu a distribuição interclassista e geográfica do *lunfardo*, utilizaremos letras de tango para exemplificar os “*lunfardismos*” analisados no presente trabalho.

Observamos que numerosos “lusitanismos” e “brasileirismos” estão presentes no *lunfardo*, em termos tais como: *gayola*, empréstimo do português: “gaiola”, é adotado com o significado de cárcere; *amarrete*, que deriva de “amarra”, e que é utilizado para designar o cabo para fixar os barcos, e que adquire também o significado de pessoa avara; *descangayado* do português “escangalhado”; *viola* por *guitarra*; *tamangos*, do português “tamancos”, por calçado; etc..

Como pode ser observado nos tangos:

*“Me encerraron muchos años en la sórdida **gayola**
y una tarde me libraron...pa'mi bien...o pa'mi mal...”*
(Tango: “*La gayola*”, de Armando Tagini, de 1927).

*“...iSaraca, muchachos, gritemos más fuerte!
iUy Dió, qué **amarrete**! Ni un cobre ha tirao...”*
(Tango: “*Padrino pelao*”, de Julio Cantuarias, de 1930).

*“Sola, fané, **descangayada**,
la vi esta madrugada salir del cabaret;
flaca, dos cuartas de cogote
y una percha en el escote...”*
(Tango: “*Esta noche me emborracho*”, de Enrique Santos Discépolo, de 1928).

Gobello (1998: 39) ressalta que a maioria dos empréstimos do português se produz através do contato com o Brasil, observável em palavras como: *bondi*, do carioca “bonde”, termo surgido quando se fundou em Rio de Janeiro a Companhia de Transportes Coletivos, ocasião em que a empresa britânica emitiu ações ou “*bonds*”, para formar capital. O povo, por extensão, chamou assim os veículos da firma.

Outros vocábulos, originários das línguas africanas, trazidos pelos escravos ao Brasil, passaram ao *lunfardo* do Rio da Prata, mas não conservaram sempre os traços semânticos originais, destacando termos tais como: *batuque*, alvoroço; *bombero* (de *pundero*), espião, que em voz da língua de Luanda designava ao negro que guiava aos traficantes de escravos, *cacimba*, carteira para guardar o dinheiro; *quibebe*, prostíbulo; *marimba*, pancada; *quilombo*, prostíbulo; etc..

Dentre os mais divulgados, encontramos também os empréstimos:

- *canyengue*, para Gobello (1998: 56) deriva da palavra africana *Ka - llengue*, que denomina um tipo de baile africano. Este *lunfardismo* é marcadamente

polissêmico. Denomina a pessoa do subúrbio, a pessoa ou coisa de baixa condição, a maneira de dançar o tango (a maneira primitiva, com passos mais provocativos e exagerados), ou, também, o jeito de caminhar de “*compadritos*” ou “*malevos*”:

Como relativo ao arrabal:

“*Sos barrio del gotán y la pebeta
el corazón del arrabal porteño...
Si vos ponés tu corazón **canyengue**,
como una flor en el ojal prendida,
en los balcones de cada bulín.*”

(Tango: “*Boedo*”, de Dante A Linyera, de 1927).

Como maneira de dançar:

“*Sos un malevo sin lengue
sin pinta ni compadrada...
sin milonga y sin **canyengue**...*”

(Tango: “*El malevo*”, de Mario Castro, de 1928).

- **fulo**, isto é, empalidecido pela surpresa, o medo ou a ira, da expressão muito comum no Brasil: “*fulo de raiva*”, deriva dos *fulos* ou *fulbes*, escravos do norte da África, de cor de pele mais pálida, eram considerados quase brancos pelos outros escravos.(GOBELLO; 1998:122). Este *lunfardismo* se utiliza com o sentido de “*irado*”, como no tango:

“*...La orquesta mistonguera musita un tango **fulo**,
los reos se desgranán buscando...la princesita rosa...*”

(Tango: “*Oro muerto*”, de Julio Navarine, de 1926).

- **milonga**, segundo Gobello (1998: 171) deriva do termo africano, plural de *mulonga*, baile em geral, ou também local de baile. Esta palavra também denomina um tipo de tango, ritmicamente mais rápido:

Como dança em geral:

“*...te engrupieron los otarios, las amigas, el gavión;
la **milonga** entre magnates con sus locas tentaciones...*”

(Tango: “*Mano a mano*”, de Celedonio Flores, de 1927).

Como composição musical dentro do gênero do tango:

*“Milonga del arrabal
vos sos la mujer del tango celoso...”*
(Tango: “*Abran cancha*”, de Alberto Mastra, de 1928).

Como local de baile:

*“Y a la salida de la milonga
se oye a una nena pidiendo pan,
por algo es que en el gotán
siempre solloza una pena...”*
(Tango: “*Buenos Aires*”, de Manuel Romero, de 1923).

Até a palavra **tango** é considerada, por alguns autores, como um empréstimo lingüístico das línguas africanas dos escravos do Brasil, derivada de *tan-gó*, ou *tamborim*, onomatopéia de *tan-tan* que reproduz o som do instrumento usado pelos negros escravos, como afirma Rossi (2001:98).

Encontramos também, casos inversos, palavras *lunfardas* que passaram ao português do Brasil, várias delas já dicionarizadas, como, por exemplo, no prestigioso “Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa”, de Buarque de Holanda Ferreira (1975). Alguns desses empréstimos são considerados como termos populares ou da gíria brasileira, tais como: *mina*, para mulher jovem, *bacana*, palavra que exprime inúmeras idéias apreciativas, equivalendo a bom, simpático, excelente, belo, luxuoso, etc., aplicado para pessoas e/ou coisas; *manjado*, para conhecido; *cana*, para prisão, *caften*, e seus derivados *caftina* e *cafetão*, para quem explora a prostituição; *afanar*, para roubar; *achacar*, para roubar a alguém ou extorquir dinheiro; *punga* e *punguista*, para ladrão de carteiras; dentre tantos outros.

Sobre a origem de parte da migração de termos exclusivamente delitivos do *lunfardo* ao português do Brasil, Rodríguez (1989), na introdução de seu *Lexicón*, apresenta uma explicação histórica sobre a provável influência do *lunfardo* na gíria carcerária brasileira. É um episódio curioso que se relaciona à adoção de termos *lunfardos* em território brasileiro:

*“...el 16 de abril de 1930, la Revista de Policía que en los años 1922-1923 había dado cabida en sus páginas al anónimo **Diccionario del Delito**, vuelve a ser noticia con la publicación del Código Internacional de Delincuentes que hasta ahora era ignorado y que hemos exhumado. El mismo fue descubierto por el Inspector de la Policía Marítima de Recife (Pernambuco-Brasil) Oscar Pinagé que lo dio a conocer mencionando haberlo obtenido de un ladrón portugués de nombre Alberto Pinto expulsado como indeseable*

por la Policía de Río de Janeiro, que arribó a Recife en el trasatlántico "Almirante Yaceguay" donde Pinagé, ocultándose bajo el nombre de Pretozine, lo entrevistó recibiendo de Pinto la versión giria-portuguesa del Código, que se apresuró a copiar, la que previo fotocopiado hemos remitido a la Biblioteca de la Academia Porteña del Lunfardo".

O autor continua esta história dizendo que, segundo Pinagé:

"El Código fue confeccionado por nueve individuos poco recomendables", de ellos 3 de nacionalidad española, 2 italianos, 2 portugueses, 1 chileno y 1 francés, cuyos nombres dio, los que tuvieron la idea de concretarlo, ante la necesidad de disponer de un lenguaje convencional y secreto de comunicación entre ellos, en virtud de que habían dejado de serlo para las policías, las jergas usadas hasta entonces" (RODRÍGUEZ, 1989: iii).

3. Conclusão

Esta breve resenha de empréstimos mútuos nos permite comprovar o rico caminho lingüístico, de mão dupla, existente entre o português do Brasil e o espanhol riopratense, que iniciado, como referimos anteriormente, na época colonial continua desenvolvendo-se até hoje. Destacamos, nesta oportunidade, aqueles empréstimos relacionados ao *lunfardo*, por ser estes os que, ainda, necessitam ser mais estudados pela pesquisa lexicográfica.

4. Citações Bibliográficas:

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Holt, Rinehart and Wiston, 1961.

BUARQUE de HOLANDA FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. São Pulo, Ed. Nova Fronteira, 1975.

ESPÍNDOLA, Athos. *Diccionario del lunfardo*. Buenos Aires, Planeta, 2^a ed., 2003.

GOBELLO, José e CAÑAS, Luis Soler. *Primera antología lunfarda*. Buenos Aires, Las Orillas, 1961.

GOBELLO, José. *El lunfardo. Cuadernos de tango y lunfardo. VI*. Buenos Aires, Academia Argentina del Lunfardo, 1984.

GOBELLO, José. *Nuevo diccionario lunfardo*. Buenos Aires, Corregidor, 1998.

GOBELLO, José e OLIVIERI, Marcelo H. *Lunfardo. Curso básico y diccionario*. Buenos Aires, Ediciones Libertador, 2005.

ORDAZ, Luis. *Inmigración, escena nacional y figuraciones de la tanguería*. Buenos Aires, Editores de América Latina, 1997.

RODRÍGUEZ, Adolfo Enrique. *Lexicón. 12500 Voces y locuciones lunfardas, populares, jergales y extranjeras*. Buenos Aires, Suplemento de la Revista Mundo Policial, Editorial Policial, Policía Federal Argentina, 1989.

ROSSI, Vicente. *Cosas de negros*. Buenos Aires, Ed. Taurus, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, Trad. Antônio Chelini, 2002.